



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

Beatriz Fernandes Jardim

Três perspectivas sobre Baba lagá: tradução e comentário de Aleksandr
Afanássiev e Nadiejda Téffi

Rio de Janeiro
2024

Beatriz Fernandes Jardim

Três perspectivas sobre Baba Iagá: tradução e comentário de Aleksandr Afanássiev e Nadiejda Téffi

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Português e Russo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Priscila Nascimento Marques

Rio de Janeiro
2024

FOLHA DE AVALIAÇÃO

BEATRIZ FERNANDES JARDIM

Três perspectivas sobre Baba Iagá: tradução e comentário de Aleksandr Afanássiev e Nadiejda Téffi

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Português e Russo.

Data da avaliação: 09 / 01 / 2025

Banca Examinadora:



NOTA: 9,0

Profª. Drª. Priscila Nascimento Marques – Presidente da Banca Examinadora
Setor de Letras Russas / Departamento de Letras Orientais e Eslavas / Faculdade de Letras – UFRJ



NOTA: 9,0

Profª. Drª. Karla Louise de Almeida Petel – Leitora Crítica
Setor de de Língua e Literatura Hebraicas / Departamento de Letras Orientais e Eslavas / Faculdade de Letras – UFRJ

MÉDIA: 9,0

Agradecimentos

Acima de tudo, à minha mãe Mírian, por todo o incentivo e apoio, além de carinho e suporte; e ao meu irmão, Daniel, por todo apoio e suporte, além de sempre impulsionarem os meus sonhos. Que compreenderam meus maus momentos, e me incentivaram nas dificuldades relacionadas à faculdade ao longo de todo esse processo. Amo vocês demais.

Aos meus professores, ao longo de toda minha jornada estudantil, que contribuíram em toda minha formação profissional, pessoal e serviram de extrema inspiração. Obrigada a todos vocês!

Aos meus amigos, tanto os da universidade quanto os que adquiri ao longo do tempo, por serem uma fonte de apoio por toda essa trajetória. Muito obrigada!

E à professora Priscila Nascimento Marques, pelo exemplo de dedicação profissional, carinho e respeito aos seus alunos, amigos e colegas, que com disponibilidade, paciência (e muita paciência), e generosidade, me proporcionou conhecimentos únicos e possibilitou-me chegar ao presente momento. Obrigada por tudo!

JARDIM, Beatriz Fernandes. **Três perspectivas sobre Baba lagá**: tradução e comentário de Aleksandr Afanássiev e Nadiejda Téffi. Rio de Janeiro, 2024). Monografia (Bacharelado em Português-Russo) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo

Este trabalho visa contribuir com estudos sobre literatura, contos e mitos, promovendo uma análise referente ao conto de origem eslava da Baba lagá. Para tanto, trabalha em cima dos textos relativamente antigos, de autores da literatura russa com texto de temática similar, mas com perspectivas distintas. O trabalho apresenta a tradução e análise de três formulações distintas da história de Baba lagá: a formulação canônica de Aleksandr Afanássiev, voltada para o público infanto-juvenil, e dois contos escritos por Nadiejda Téffi, sendo uma delas uma reelaboração do texto de Afanássiev e a segunda um conto voltado para o público adulto.

Palavras-chave: Baba laga; folclore eslavo; literatura russa; bruxa.

Abstract

This work intends to contribute with studies on literature, tales, and myths, by developing an analysis of the slavic folk tale of Baba Yaga. For this purpose, we work on relatively ancient texts written by Russian authors with a similar theme, but different perspectives. The work presents a translation and analysis of three different elaborations of story of Baba Yaga: the canonic elaboration of Aleksandr Afanasiev, aimed at a juvenile audience, and two short stories written by Nadezhda Teffi, one being a reworking of Afanasiev's tale and the second a short story aimed at an adult audience.

Keywords: Baba Yaga, Slavic folklore; Russian literature, witch.

Sumário

1. Introdução	6
2. Sobre Baba lagá	7
3. Sobre Afanássiev	7
3.1. O conto Baba lagá de Afanássiev	9
4. Nadiejda Téffi	10
5. Descrição dos contos	12
6. Comentário comparativo dos contos infantis de Afanássiev e Téffi.....	14
7. Comentário comparativo das versões infantil (1932) e adulta (1947) de Baba lagá por Téffi	21
8. Considerações Finais	27
9. Referências Bibliográficas	28
Tradução ""Baba lagá", de Afanássiev	29
Tradução Baba lagá Nadiêjda Téffi infantil.....	35
Tradução Baba lagá Nadiêjda Téffi adulto	43

1. Introdução

Toda sociedade humana é dotada de crenças em sua base, que definem a percepção e o comportamento dos indivíduos da sociedade no geral. Tais crenças que são oriundas de vivências, histórias passadas de geração em geração, acontecimentos inexplicáveis e extraordinários que, ao serem retratados, recebem características e cenários que tornam aquele acontecimento tão compreensível. Daí surgem os contos e os mitos, histórias com representações fantasiosas espontaneamente delineadas pelo mecanismo mental do homem, a fim de dar uma interpretação e uma explicação aos fenômenos da natureza e da vida.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar traduções para o português e realizar uma análise crítica sobre os contos russos que representam a figura de Baba lagá, nas escritas e apresentações de Nadiejda Téffi e Aleksander Nikoláievitch Afanássiev. Veremos ao longo do texto diferentes abordagens, com divisões em que contarão sobre a temida bruxa dos contos eslavos conhecida como Baba lagá; teremos uma breve apresentação do folclorista russo Aleksander Nikoláievitch Afanássiev, contando um pouco de sua vida e jornada como escritor e logo após a sua percepção e a apresentação de Baba lagá; em seguida teremos a apresentação da ilustre escritora Nadiejda Téffi, nos apresentando sobre parte de sua história e sua jornada como escritora em um período conturbado e sendo uma exilada, além de também ser apresentada a sua visão e percepção da personagem, de seus conceitos e suas nuances.

Por fim, será apresentado no texto comentários comparativos das três traduções realizadas, sendo essas, duas originárias de Téffi, e uma de Afanássiev, visando a abordagem dos autores, na base da escrita, linguagem, enredo, e caracterização de personagens e além de comentários sobre a tradução.

2. Sobre Baba lagá

Baba lagá é uma figura lendária do folclore eslavo, frequentemente descrita como uma bruxa ou uma criatura sobrenatural que habita uma cabana peculiar,

geralmente situada em uma floresta profunda. A cabana, notável por suas pernas de galinha, pode girar sobre seu eixo e é conhecida por se mover de acordo com a vontade de Baba lagá. Ela é frequentemente retratada como uma velha magra e feia, com cabelos desgrenhados e um nariz longo e curvado. Ela é uma figura ambígua: ao mesmo tempo que pode ser uma antagonista, muitas vezes também desempenha o papel de sábia conselheira. Em várias histórias, ela é associada a temas de vida e morte, podendo ajudar ou punir aqueles que a encontram, dependendo de suas intenções.

lagá aparece em diversos contos populares da tradição eslava, incluindo histórias que envolvem heróis em busca de sabedoria ou recursos mágicos. Ela é conhecida por testar os personagens que a visitam, muitas vezes colocando-os em situações desafiadoras que exigem inteligência e coragem. Algumas narrativas apresentam a bruxa como uma figura maternal, enquanto outras a mostram como uma força malévola que devora os que a desafiam. Com sua figura simbolizando a dualidade da natureza feminina, incorporando tanto o aspecto nutritivo quanto o destrutivo. Ela representa o arquétipo da sabedoria ancestral, ao mesmo tempo em que se conecta a temas de transição e transformação. Sua presença nos contos enfatiza a importância da coragem e da astúcia na superação de desafios.

Baba lagá permanece uma das figuras mais intrigantes e multifacetadas do folclore eslavo, influenciando a literatura, a arte e a cultura popular contemporânea. Sua imagem complexa continua a inspirar novas interpretações e recontos, refletindo a rica tapeçaria de mitos e lendas que permeiam as tradições eslavas.

3. Sobre Afanássiev

Aleksander Nikoláievitch Afanássiev (1826-1871) foi um importante folclorista e etnógrafo russo, conhecido principalmente por suas contribuições à coleta e estudo de contos populares eslavos. Nascido em uma família de nobres, Afanássiev dedicou-se à preservação da cultura popular russa, reconhecendo a importância das tradições orais na formação da identidade nacional.

A maior parte das informações bibliográficas comumente encontradas, de sua infância, adolescência e anos iniciais na universidade, estão presentes e baseadas em suas “Memórias”. Sua entrada na universidade de Moscou aconteceu num período político extremamente agitado, pois aconteceu na época da Rússia pré-revolucionária. Entre 1849 e 1862, foi quando ele escreveu a maioria de suas obras e artigos, que foram divididos em três partes, como escreve Carolinski:

A primeira, que diminuiu cada vez mais, é dedicada a questões de história e história do direito; a segunda, muito significativa pelo seu volume, é dedicada a crítica literária, à história da literatura dos séculos XVIII e XIX e ao trabalho bibliográfico (pareceres sobre livros recém-publicados); a terceira, às questões de folclore e etnografia, principalmente, a questões de mitologia eslava e artigos que tinham um caráter de estudos científicos independentes. (Carolinski, 2008, p. 39)

Ainda de acordo com Carolinski: “O interesse de Afanássiev pelo material folclórico bruto era enorme.” (Carolinski, 2008, p. 39). Em 1850, ele publicou uma quantidade considerável de provérbios populares, intitulado “Complementos e anexos à coletânea *Provérbios e parábolas populares russos*”. Levando assim, entre 1851 e 1855, a um profundo estudo das obras e crenças populares, publicando primeiro “O vovô domovói”; logo em seguida em 1851 “O bruxo e a bruxa”, “O significado religioso-pagão da isbá eslava”, e “Bruxaria na Rússia antiga”; já em 1852 “Divindades zoomórficas dos eslavos: pássaro, cavalo, touro, vaca, serpente e lobo”; em 1853 “Algumas palavras sobre a correlação entre língua e credices populares”; em 1854 “Sobre o significado do parto e da parturiente”; e em 1855 “Ligação mítica entre os conceitos de luz, visão, fogo, metal, armas e bÍlis”, levando a obra de três volumes *Concepções poéticas dos eslavos sobre a natureza* (1866-1869),

Sua obra mais significativa, *Contos Populares Russos*, publicada em 1855, compila uma vasta gama de histórias, fábulas e mitos, que variam de narrativas de heróis a lendas de criaturas mágicas, revelando a rica tapeçaria do folclore russo.

Além de seu trabalho como coletor de histórias, Afanássiev também se destacou por suas análises críticas sobre a função dos contos na sociedade. Ele defendia que as narrativas populares não apenas entretinham, mas também transmitiam valores morais e sociais, funcionando como um reflexo da cultura e das

crenças do povo. Sua abordagem pioneira no estudo do folclore influenciou gerações de estudiosos e contribuiu para o reconhecimento da importância do folclore na literatura e na cultura russa. Através de suas pesquisas, Afanássiev ajudou a estabelecer as bases para o estudo acadêmico do folclore, tornando-se uma figura central nesse campo.

3.1. O conto Baba lagá de Afanássiev

No conto da Baba lagá coletado por Alexander Afanássiev, a história gira em torno de uma personagem jovem, que vive com sua madrasta cruel, que, por ciúmes, a envia para encontrar a famosa bruxa, em sua cabana peculiar. Ao longo da história, a protagonista enfrenta os desafios que Baba lagá impõe, como tarefas difíceis que exigem astúcia e coragem.

A narrativa frequentemente explora temas de prova e transformação, onde a jovem, ao superar os obstáculos, aprende lições valiosas e, em alguns casos, recebe recompensas, como itens mágicos ou sabedoria. Baba lagá é apresentada como uma figura ambivalente: enquanto pode ser temida e até malévola, também pode agir como uma conselheira sábia, refletindo a dualidade do folclore eslavo. No final, a história destaca a importância da inteligência e da bravura frente ao desconhecido.

4. Sobre Nadiejda Téffi

Nadiejda Téffi (1874-1952) é uma das figuras mais representativas da literatura russa do início do século XX, cuja obra atravessa momentos históricos turbulentos como a Revolução de 1917 e seu subsequente exílio. Filha de uma família aristocrática, Téffi teve uma educação refinada e foi inicialmente atraída para o teatro e o jornalismo, antes de se firmar como escritora. Sua literatura reflete a transição entre o mundo imperial da Rússia czarista e os devastadores impactos da Revolução

Russa, além da experiência de perda e deslocamento vivida por muitos intelectuais russos durante o exílio.

Uma de suas primeiras grandes obras, *Memórias de uma mulher de pouca fé*, expõe as tensões sociais e a degradação das estruturas da antiga Rússia imperial. Essa obra semiautobiográfica foi celebrada tanto pela crítica quanto pelo público, sendo um reflexo da habilidade de Téffi em descrever a sociedade russa de maneira sutil e afetuosa, ao mesmo tempo que crítica.

Em *Тэффи как женщина и писатель: взгляд из-за океана* (Téffi como mulher e escritora: uma visão do exterior), a análise de Prusakóva sobre Téffi destaca sua complexidade como mulher e escritora, enfatizando a maneira como ela navegou nas expectativas sociais e literárias de sua época. Embora tenha nascido em uma família aristocrática e tenha sido educada em Paris, ela nunca se distanciou das questões sociais da Rússia. Sua escrita reflete um olhar crítico sobre as mudanças sociais e políticas, ao mesmo tempo em que ela utilizava uma ironia refinada para lidar com os desafios de ser mulher em um mundo literário dominado por homens. A escritora, que testemunhou a Revolução Russa, também descrevia suas próprias experiências como mulher exilada. Como observa a autora: "Téffi foi uma figura única no panorama literário, pois conseguiu manter uma voz própria em um contexto de turbulência histórica e deslocamento" (Prusakóva, 2020, p. 4)

A autora de *Моя летопись* (Minha Crônica) compartilhou suas memórias com um estilo que misturava o pessoal e o histórico. Ela relatou sua experiência com a Revolução de 1917 e o subsequente exílio de uma maneira que mostrava a dor do deslocamento e a perda de uma pátria amada, mas também com uma clareza impressionante sobre o que havia sido perdido. Téffi, em sua obra, constantemente reflete sobre o impacto do exílio e da transformação social que ocorreu em sua terra natal, como se vê em sua citação: "Nada mais resta da velha Rússia, exceto as lembranças" (Téffi, 2004, p. 17).

Téffi, em suas crônicas e memórias, como em "Моя летопись" (Minha Crônica), se posiciona não apenas como escritora, mas como uma observadora da ruptura social que a Revolução provocou. Ela não romantiza o passado nem os eventos que estavam ocorrendo, mas os narra com uma honestidade brutal. Sua

escrita, marcada pela combinação de tragédia e humor, serve como um mecanismo para processar o caos em que se viu envolvida.

O livro *В стране воспоминаний. Рассказы и фельетоны. 1917–1919* (No País das Lembranças. Contos e Folhetins. 1917-1919) reúne crônicas e contos escritos por Téffi no período imediatamente posterior à Revolução de 1917. A autora, vivendo o caos da Revolução e o início do exílio, produziu uma obra que captura as ansiedades e as frustrações dos russos que foram forçados a abandonar sua terra natal. Suas crônicas retratam de forma precisa a desorientação que muitos intelectuais russos sentiram, e suas memórias e crônicas são, assim, testemunhos de uma época em que o futuro parecia incerto e a identidade cultural estava em processo de transformação. Sentimentos esses bem profundos, expressado como por exemplo, em:

O que semeou ódio, que colha amor!

Vamos decorar as cruzes do Calvário com rosas.

Nos campos, regados com adstringência com sangue,

Nosso pão e nossas flores.

(Téffi, 2002, p.26)

Em *Folk Tale 'Baba Jaga' by N. A. Téffi: Folkloric Origins And The Author's Individual Element*", Tishkova explora a maneira como Téffi utilizou elementos do folclore russo em suas obras, particularmente no conto Baba lagá. A famosa bruxa do folclore eslavo é retratada de forma inovadora por Téffi, que transforma a figura tradicional em uma personagem complexa e multifacetada, ligada ao processo de adaptação e sobrevivência no novo contexto político e social da Rússia revolucionária. O estudo sugere que Téffi usou a figura de Baba lagá como uma metáfora para a resistência à opressão, uma alegoria da força das mulheres diante das adversidades da vida. Como afirma a autora do estudo: "Baba lagá é dotada de caráter e de experiências diversas, mostrando a motivação psicológica de suas ações, levando o componente moral e ético a vir à tona, deixando evidente a rejeição da injustiça e crueldade." (Tishkova, 2018, p. 5-6). Ao adaptar um conto popular, Téffi consegue não

apenas manter as raízes folclóricas, mas também infundir sua própria visão crítica da realidade.

Em resumo, Nadieida Téffi foi uma escritora cuja obra não apenas reflete os eventos de sua época, mas também busca entender, através da literatura, as complexas dinâmicas da perda, do exílio e da transformação social. Sua habilidade de navegar entre o pessoal e o coletivo, de utilizar o folclore como meio de reflexão crítica e de criar personagens e situações que falam tanto ao coração quanto à mente, faz dela uma das vozes mais importantes da literatura russa do século XX.

O legado de Téffi, embora por vezes eclipsado por figuras mais amplamente reconhecidas da literatura russa, como Tolstói ou Dostoiévski, merece uma atenção mais aprofundada. Seu olhar crítico sobre as transformações sociopolíticas, sua escrita mordaz e seu papel como cronista do seu tempo asseguram-lhe um lugar de relevância no estudo da literatura russa e da literatura do exílio. Assim, Nadieida Téffi não apenas reflete as complexidades de sua época, mas também contribui com uma rica tradição de resistência literária, resistência essa que, paradoxalmente, se manifesta tanto em seu humor refinado quanto em sua escrita profundamente melancólica.

5. Descrição dos contos

Três traduções do conto de Baba Iagá foram realizadas para a produção deste trabalho. A primeira tradução apresentada é a de Afanássiev, que foi um dos primeiros a coletar o conto e levá-lo ao povo, mostrando uma Baba Iagá de certa forma maligna, uma figura cruel. Em uma de suas versões, é apresentado ao leitor um casal que teve uma filha. Após algum tempo a mãe da menina veio a falecer, com isso o pai da menina se casa novamente. Daí em diante começa o desenrolar da história. A nova esposa não gostava da menina, e com isso o pai da jovem decide levá-la para a floresta, onde encontra a cabana da bruxa. Esta impõe para a jovem que faça as tarefas domésticas, e apesar de presenteá-la com vestidos, no final desse conto, mata cruelmente a pequena jovem, deixando apenas os seus ossinhos a serem coletados

pelo seu pai. Há ainda uma segunda versão de Baba lagá por Afanássiev, que também tem um casal e a filha. O homem fica viúvo e arruma uma nova esposa. Mas aqui a história fica um pouco agressiva, pois a madrasta batia na jovem e pensava em meios de se livrar dela. Num ato de maldade, essa “má-drasta” manda-a ir buscar itens para costurar uma camisa para a jovem, o que a leva para onde a bruxa mora. Nesse conto, lagá ainda se mantém cruel, mas não finaliza por matar a jovem menina, pois ela foi astuta e consegue fugir no final, com a ajuda de ensinamentos que sua tia lhe passou e dos seres que eram servos de Baba lagá.

Já, por outro lado, também há dois contos escritos por Nadiéjda Téffi. Nessas versões, a bruxa possui uma personalidade complexa, apresentando-se tanto como uma “pobre velhinha injustiçada”, como uma alma vingativa. Na primeira versão apresentada por Téffi, baseada na segunda formulação de Afanássiev, tem-se uma história mais leve, na qual é apresentado um casal de velhinhos que tem uma filha, à qual deram uma boa criação, mas, novamente, a mãe da menina veio a falecer e o pai da menina casa-se de novo. A madrasta, que não suportava a menina, também a mandou buscar com sua “tia”, Baba lagá, barbante e linha, com o pretexto de que a garota não conseguisse voltar de lá. Porém, a sua tia biológica a ensina a como sair de lá. Essa versão é voltada para o público infantil.

O outro conto apresenta uma visão mais séria, densa e profunda, em que Téffi apresenta não só a definição de como a Baba lagá é retratada nos contos infantis, mas também apresenta outras divindades, e suas características e questões. Seu foco, contudo, é sobre a Baba lagá, que ela descreve como diz: “Mas Baba lagá, a mais feroz delas, era também a mais interessante. E a mais russa.”. Téffi ainda ressalta a solidão de lagá, e seus sentimentos em relação às pessoas:

Baba lagá vivia sozinha. Só vivia com um gato. Até Baba lagá não podia suportar a completa solidão. Mantinha o gato por seu ronronar, por seu pelo macio, pelo calor e conforto felino. lagá odiava as pessoas e nunca as procurava. Elas mesmas vinham até ela para tentar arrancar vários segredos sábios e sempre enganavam lagá. Em cada aproximação humana, ela se sentia enganada e ressentida. (Téffi)

Téffi ainda expressa a esperança de lagá de que nem todos apareciam lá para se aproveitar dela: "E toda vez ela acreditava, feito uma tola, na alma humana: — Não pode ser que tudo seja assim". São detalhes que, para uma criança, não seriam bem absorvidos, com a essência e a mensagem que a autora gostaria de transmitir, o que levaria a considerar essa como uma versão mais adulta do conto, pois é mais complexo. Téffi apresenta Baba lagá na dubiedade de sua essência, mostrando ela como uma vítima injustiçada.

6. Comentário comparativo dos contos infantis de Afanássiev e Téffi

Buscando uma perspectiva comparativa, nesta seção analisaremos a história da Baba lagá nas formulações de Afanássiev e de Téffi. Afanássiev apresenta, em suas versões da bruxa, uma história com uma narrativa voltada para o público infanto-juvenil, com seus personagens de um casal que tinha uma filha, sendo retratado como "um velhinho e uma velhinha" ou então como "um marido e sua esposa", sendo que o homem fica viúvo e resolve se casar novamente com outra mulher. A madrasta não amava a pequena jovem e pensava em como se livrar da moça. Em uma versão o pai leva a menina para a floresta, em outra é a madrasta que manda a jovem para a floresta, para ir atrás de sua "tia" (Baba lagá) com um pretexto de arrumar agulha e linha para costurar uma camisa para a menina. Sua real intenção era se livrar dela, já que nas histórias, a Baba lagá se alimenta de jovens crianças. A menina então vai até sua tia biológica e conta o que sua "má-drasta" lhe ordenou. Após sua tia lhe dar algumas dicas, parte para a casa da Baba lagá.

Nesta parte inicial, o texto de Téffi segue o mesmo enredo de Afanássiev, apresentando um casal que tem uma filha, sendo que a mulher vem a falecer, e o homem casa-se novamente. A "má-drasta" da jovem não a amava, e tratava a menina muito mal. Em sua versão, a autora escreve que a madrasta "enchia-lhe de tabefes". A madrasta então, manda a jovem até a casa da suposta "tia", Baba lagá, atrás de linha e agulha. Sabiamente a jovem visita sua tia biológica e conta o que sua madrasta lhe mandara fazer. Após tomar conselhos com a a tia, ela parte para a casa da bruxa.

Entre os contos de Afanássiev e de Téffi há certas diferenças nos textos. Afanássiev utiliza uma abordagem mais formal e neutra em suas caracterizações, apresenta parágrafos longos, com excesso de palavras mas pouco detalhamento das ações, e faz pouco uso de repetições de palavras, dando uma perspectiva de um texto elaborado para crianças na faixa dos 7 (sete) a 12 (doze) anos. Téffi, por sua vez, adota uma abordagem menos formal, utilizando bastante do recurso da repetição de palavras, além de uma presente e constante utilização do diminutivo em sua escrita, como no exemplo: “A velhinha assava bolinhos para a menina, e velhinho acariciava sua cabeça [...]”. Sua narrativa é mais detalhada, destrinchando os parágrafos e acrescentando informações para deixar a leitura mais dinâmica. O resultado é um texto mais enxuto, menos sobrecarregado de informações, com uma percepção de leitura ágil, ideal para uma criança abaixo dos 7 (sete) anos.

Como um exemplo para ilustrar a escrita de Afanássiev e de Téffi, apresentamos o primeiro parágrafo de seus respectivos contos:

Era uma vez um velhinho e uma velhinha. O velhinho ficou viúvo e casou-se com outra mulher, mas ele tinha uma filha com a primeira esposa. A má-drasta não a amava, batia nela e pensava em como se livrar dela de vez. Um dia, quando o pai foi viajar, a má-drasta disse à menina (Afanássiev)

Sendo esse primeiro, a versão de Afanássiev, e o próximo o de Téffi:

Era uma vez um velhinho e uma velhinha. E eles tinham uma filha, uma boa menina.

O velhinho e a velhinha amavam sua menina, mimavam e cuidavam. A velhinha assava bolinhos para a menina, e velhinho acariciava sua cabeça, dizendo:

— Cresça, cresça, menina espertinha, sempre mais gentil e sempre mais astuta.

Então eles viveram, até que a velhinha morreu, o velhinho ficou triste, triste e arranhou outra esposa para si, e ela se tornou má-drasta da menina. (Téff)

Uma diferença bem presente do texto de Téffi em relação ao do Afanássiev, é que esta acrescenta detalhes à sua narrativa, criando mais diálogos e destrinchando os acontecimentos que, no texto de Afanássiev, estão presentes em um parágrafo único, de modo muito mais sintético. Há um exemplo em que a fala da tia biológica da jovem menina é semelhante em ambos os textos, mas Téffi faz um acréscimo na fala da personagem, sendo o final acrescentado pela Téffi:

— Se uma bétula te atingir nos olhos, minha sobrinha, prenda-a com uma fita. Se os portões rangerem e baterem, coloque óleo neles. Se os cães te atacarem, dê a eles um pedaço de pão. Se um gato te arranhar, é só lhe dar um pouco de presunto. Se fizer o que eu te digo, e não esquecer, nem confundir... você estará segura. Vá com Deus. (Téffi)

A fala da tia apresentada por Afanássiev já não apresenta a parte final acrescentada por Téffi:

— Se uma bétula te atingir nos olhos, minha sobrinha, prenda-a com uma fita. Se os portões rangerem e baterem, coloque óleo neles. Se os cães te atacarem, dê a eles um pedaço de pão. Se um gato te arranhar, é só lhe dar um pouco de presunto. (Afanássiev)

Após a narração do encontro com a tia biológica, Afanássiev e Téffi começam a retratar a jovem menina encontrando a cabana de Baba lagá. Afanássiev é mais sucinto: “Havia uma cabana, e dentro estava a Baba lagá, a perna de ossos, tecendo”, e Téffi com: “À beira da clareira na floresta, havia uma cabana sem janelas, e sem portas.”, Téffi ainda acrescenta elementos fantásticos para a narrativa “ — Cabana - cabana! Vire suas costas para a floresta, e fique de frente para mim!” descrevendo a movimentação da casa de se virar para a jovem, e consequentemente atrasando a aparição da Baba lagá e criando um suspense que não se vê no texto de Afanássiev. Logo que a jovem entra na residência da bruxa, lagá fala para ela se sentar enquanto a aguarda retornar com os itens solicitados. Na versão de Afanássiev, ele utiliza o verbo “ткать” (tecer), já Téffi utiliza “вышивать” (bordar) para o ato que a lagá orienta a menina a realizar.

Em seu texto, Téffi realiza uma descrição mais elaborada de Baba lagá, dando mais destaque a ela como personagem, tornando-a mais viva e presente em sua narrativa:

A voz da Baba lagá é alta, ela uiva como o vento em uma chaminé. A menina ouve as palavras de lagá, senta-se, tremendo, nem viva nem morta. E pede à criada baixinho: [...] (Téffi)

Nota-se em Téffi, com perspicácia e um toque interessante, a presença de um narrador onisciente em relação à personagem da lagá e seus sentimentos, mostrando aos leitores a visão interior da mesma: “E Baba lagá ficou aguardando. Ela mal podia esperar, ela queria comer a menina o mais rápido possível” (Téffi,). Adiante, tem-se a narração da menina começando a interagir com os elementos principais para a sua fuga da cabana da bruxa, começando com o gato. Nesse ponto, Téffi realiza uma descrição maior, ou melhor, mais completa e com mais detalhes, do felino pertencente à figura mítica, descrevendo-o e dando vida também ao seu personagem, caracterizando-o como “Todo preto, olhos amarelos, rabo como uma chaminé, caminha, se esgueira, mexendo os bigodes, arranhando as tábuas com as garras.” (Téffi). Já Afanássiev não oferece maiores detalhes e apenas continua a narrativa em sua versão.

Téffi utiliza recorrentemente retomadas ao longo do seu texto, como por exemplo em “A menina lembrou do conselho de sua titia, deu ao gato um pedaço de presunto e perguntou”, o que facilita o acompanhamento da narrativa por crianças de menor idade. Além disso, com as repetições de palavras realizadas ao longo do texto, acrescenta a sua versão um ar mais afetuosos, criando uma identificação maior com os personagens. Ressalta-se ainda um aspecto muito importante de sua escrita, que são as rimas: “— Gatinho, gatinho do meu coração, me ensina como posso sair dessa situação?” (Téffi). Esses são os principais elementos que, ao longo do texto, apresentam diferenças marcantes no estilo de escrita em cada um dos textos.

Pouco mais abaixo no texto, quando a jovem moça sai da cabana após a orientação do felino, observam-se certas semelhanças e diferenças entre os textos.

Afanássiev apresenta um compilado de informações, narrando tudo praticamente em um único parágrafo.

Os cachorros queriam atacá-la, mas ela lhes jogou um pouco de pão, e eles a deixaram passar; os portões queriam se fechar, mas ela colocou um pouco de óleo nas dobradiças, e eles a deixaram passar; a árvore de bétula queria atingir-lhe os olhos, mas ela a amarrou com uma fita, e ela a deixou passar. Enquanto isso, o gato se sentou ao tear e teceu, não exatamente tecendo, mas embolando. (Afanássiev)

Enquanto Téffi apresenta uma descrição mais dramatizada, beirando o teatral, apresentando diálogos entre a jovem e os seres,

Assim que ela saiu da cabana, de repente, sabe-se lá de onde, cães ferozes, malvados-malvados, se lançaram sobre ela, rosnando e querendo deixá-la em pedaços.

A menina ficou assustada, mas lembrou-se do aviso de sua titia e disse:

— Cachorrinhos, cachorrinhos, não latam, não me assustem, não me toquem. Aqui está um pedaço de pão para vocês.

A menina jogou o pão para eles, e eles a deixaram passar.

Ela continuou correndo, chegou aos portões, mas os portões rangeram e se fecharam, sem deixá-la passar.

A menina lembrou-se das instruções da titia, e derramou óleo nas dobradiças dos portões.

— Portões, portões, não ranjam, não chamem a lagá, abram e me deixem passar. (Téffi)

Retornando à cabana, Baba lagá se aproxima da “jovem”, na verdade o gato fingindo ser a menina. Entre os textos de Téffi e de Afanássiev há uma diferença intrigante: Téffi apresenta a fala do gato como “— Estou bordando, tia, estou bordando, **malvada!**” (grifo nosso) enquanto no texto de Afanássiev temos “— Estou tecendo, tia, estou tecendo, **minha querida!**” (grifos nossos), ligando diretamente ao sentido que cada um deles gostaria de passar ao leitor, ou seja, Téffi parece desejar mostrar que lagá é considerada por todos como uma figura má a ser temida, ao passo

que Afanássiev tenta manter a imparcialidade apesar das circunstâncias apresentadas para a caracterização da personagem. No texto de Afanássiev, o autor atrela uma imagem de violência bem forte ao felino, “[...] e a reclamar por não ele ter arrancado os olhos da menina.”, já Téffi apresenta a violência em seu texto atrelada a figura da Baba lagá dizendo “Baba lagá ficou furiosa e ofendida com o gato, pois tinha afiado os dentes o dia inteiro em vão, planejando comer a menina”. Além disso, de modo geral, o texto de Téffi apresenta verbos bem mais agressivos do que o de Afanássiev, como espancar, bater, surrar, xingar”.

Enquanto Téffi escreve detalhe por detalhe, Afanássiev resume os acontecimentos. Ao se referir à ira de Baba lagá, ele apenas faz um resumo das ações realizadas pela mesma, primeiro ela “[...] atacou os cachorros, os portões, a bétula e a criada, começando a praguejar e bater em todos”, já Téffi acrescenta falas para a lagá, consequentemente apresenta muito mais de sua agressividade “— Vocês, cachorros desgraçados, traidores, infiéis! Como tiveram coragem de deixar a menina passar, sem deixá-la em pedaços?”, agressividade essa que aparece em mais falas acrescentadas por Téffi e em mais de um parágrafo.

— Vocês, malditos, como tiveram coragem de não ranger e não me chamar para deixar a menina passar! Pegarei um machado e os partirei em lenha, os reduzirei a estilhaços. (Téffi)

Logo em seguida: “— Você, arvorezinha insolente, vou te despir até os galhos! Como teve coragem de deixar a menina passar sem ela se machucar em seus galhos?” e também em “ — Você, minha serva preguiçosa, inútil, como teve coragem de deixar a menina escapar e me deixar sem almoço?”. Além de uma descrição específica de agressão física: “Ela bateu na criada com os punhos, rangendo os dentes contra ela, chutando-a nas costas com o pé de osso” e “lagá estava prestes a matar a criada [...]”. Tais falas e cenas não estão presentes na versão de Afanássiev.

Téffi apresenta uma narrativa, em certa parte de seu texto, que leva ao leitor a experienciar uma alusão a aventura, como ele mesmo se fizesse parte da história, deixando-a mais envolvente: “lagá se enfiou na despensa, tirou um balde de cobre de

lá, pegou o pilão e uma vassoura. Enfiou-se no balde e girou o pilão, só se ouviam estalidos”. Já Afanássiev, apresenta uma longa descrição, condensando toda a ação:

A Baba lagá, a perna de ossos, sentou-se rapidamente em um balde remando com um pilão e varrendo seus rastros com uma vassoura, em perseguição à menina. A menina inclinou o ouvido para o chão e ouviu que a Baba lagá estava perseguindo-a, e já estava perto. Então, ela jogou a toalha, e ela virou um rio largo e profundo! A Baba lagá chegou ao rio e, furiosa, rangeu os dentes. Voltou para casa, pegou seus touros e os levou ao rio; os touros beberam toda a água do rio. A Baba lagá recomeçou a perseguição. A menina inclinou o ouvido para o chão e ouviu que a Baba lagá estava perto, então jogou o pente, e este se tornou uma floresta densa e assustadora! A Baba lagá ficou morrendo de raiva, mas nem tentou atravessar a floresta, e teve que voltar.

Retomando a característica da escrita da Téffi em deixar a história mais envolvente para o leitor, há uma frase simples que cria um suspense e sensação de aventura, que é “E agora?”. O que a faz escrever isso? O que leva o leitor a sentir? É possível dizer que esse recurso oferece ao leitor uma forma de se introduzir na história, dando voz à sua expectativa em relação aos futuros acontecimentos.

Por fim, próximo do fim da história, quando a jovem consegue enfim fugir da bruxa e retornar a sua casa, nos textos são apresentadas narrações diferentes após o velhinho perguntar a localização de sua filha. Téffi apresenta aos leitores uma versão mais desenvolvida, até mesmo a expressão no rosto da da jovem é detalhada “O velhinho não acreditou. E então ele viu a menina correndo de volta para casa, com uma expressão sem vida no rosto”. Essa passagem intensifica a emoção do texto escrito. Já Afanássiev é muito mais sintético, dizendo apenas “Depois de um tempo, a menina voltou para casa.”.

Téffi, novamente, faz uma revisão e retomada da história, narrando, dessa vez em forma reduzida, os fatos ocorridos com a jovem menina, o que torna a história mais palatável e acessível para crianças menores:

E ela contou ao pai tudo em ordem, como sua titia a ensinou, como o gato teve pena dela, dando-lhe o pente e a toalha, como a criada se recusou a

aquecer o banho. E sobre o portão e os cães e sobre a bétula, ela contou tudo. (Téffi)

Na versão do Afanássiev, após a jovem contar o que lhe aconteceu, é dito que o velhinho a “matou-a [a esposa] com um tiro”, deixando assim a agressividade presente no texto explícita em diversos personagens, enquanto em Téffi é retrado que o velhinho apenas “expulsou a má-drasta de casa”, deixando assim toda e qualquer maldade presente no texto voltada apenas para a figura de Baba lagá.

Finalizando o texto, Téffi faz uma jogada de rima interessante, “E ele começou, com sua filha, a vida viver e o bem fazer.”, o que torna a frase musical, melódica e envolvente ao ser lida. E por fim, mas não menos importante, há a presença de uma rima final em ambos os textos que é “E lá estava eu, bebendo cerveja e hidromel, que pelos meus bigodes escorria, mas na minha boca não caia.”, novamente trazendo a perspectiva e confirmando a presença de um narrador onisciente e observador.

7. Comentário comparativo das versões infantil (1932) e adulta (1947) de Baba lagá por Téffi

Neste trabalho, apresentamos duas versões traduzidas de textos da Téffi. Nelas, a autora apresenta visões e perspectivas distintas. Uma versão é voltada para o público infanto-juvenil, e uma outra é mais profunda, para um público adulto. Com a versão adulta, nota-se uma diferença bem marcante entre ela e a versão infantil. Téffi começa seu texto com “Os contos de fada falam: “Baba-lagá, com perna de osso, no seu balde viaja, com um pilão empurra e com uma vassoura os rastros apaga.”, em sua versão infantil, ela começa o texto no tradicional “Era uma vez..”: “Era uma vez um velhinho e uma velhinha. E eles tinham uma filha, uma boa menina”. Téffi relata que “o professor de literatura dizia: “Baba-lagá é uma deusa das tempestades e das nevascas.”

A autora, em sua obra “adulta”, faz uma retratação comparativa com a versão infantil:

Baba-lagá é retratada como uma velha magra e de aspecto selvagem, com olhos verdes e maus, com um dente canino saliente, cabelo grisalho e desgrenhado. Ela é assustadora, esquelética — uh-uh-uh — e come crianças.

Ela ainda diz que:

A palavra “deusa” evocava a ideia de beleza, como Vênus e Diana. Víamos suas estátuas, eram exemplos de perfeição. Ouvíamos a expressão “linda como uma deusa”; E então, de repente essa bruxa cruel, uma velha feia e maléfica era nossa deusa. Era algo absurdo e engraçado.

Téffi cita diversas divindades nesse segundo texto, desde figuras romanas, como Vênus e Diana, a figuras eslavas, como Silvano, Domovói, Lel, Rusalka, Stribog, e por último, mas não menos importante, Baba lagá. Vênus e Diana são brevemente citadas utilizando a sua beleza em comparação com a feiura de Baba lagá; Lel é brevemente citado como o deus da primavera e sua impopularidade; Domovói já é citado como “criatura severa, embora protegesse a vida doméstica, parecia um velho senhor feudal [...]. Era justo, mas aterrorizante e opressor”; Silvano “Era muito maligno. Seu objetivo era apenas assustar, desorientar, destruir o ser humano e cobrir suas pegadas com ervas daninhas”; Rusalka, personificação das ninfas d'águas ou sereias, era bonita, porém triste, atraía as pessoas para a morte com a pena; Stribog que é uma divindade do antigo panteão russo com funções não estabelecidas, sendo atualmente considerado o deus do vento ou do ar; e por fim, Baba lagá, “a mais feroz delas, era também a mais interessante. E a mais russa”. Nesse ponto surgem semelhanças com a história infantil de Téffi, pois a autora começa a descrever em seu texto a residência da bruxa e quem habitava com ela, mas com uma linguagem mais direta, mais madura. Além disso, essa versão da história é voltada para os pensamentos e sentimentos de Baba lagá:

Baba lagá vivia na borda da floresta, em uma cabana sobre pernas de galinha, sem janelas, sem portas. A porta, como sempre se descobria depois, ainda existia, mas estava voltada para a floresta, então o astuto “bom jovem”,

que havia aprendido o feitiço de algum lugar, dizia: “Cabana, cabana, vire-se de costas para a floresta, e de frente para mim.” E a cabana se virava.

Ainda complementa, demonstrando a complexidade emocional de Baba lagá com sua solidão:

Baba lagá vivia sozinha. Só vivia com um gato. Até Baba lagá não podia suportar a completa solidão. Mantinha o gato por seu ronronar, por seu pelo macio, pelo calor e conforto felino. lagá odiava as pessoas e nunca as procurava. Elas mesmas vinham até ela para tentar arrancar vários segredos sábios e sempre enganavam lagá. Em cada aproximação humana, ela se sentia enganada e ressentida.

Apresentando as perspectivas em suas versões, no conto infantil, na maioria das vezes, alguém manda a jovem até a residência de lagá com a intenção de se livrar dela: “A má-drasta não amava sua enteada, a boa menina, dia após dia a tratava muito mal, enchia-lhe de tabefes. Depois até pensou em dar cabo dela”. Já para lagá, os jovens a procuram para se aproveitar dela: “Chega um bom jovem, solta um monte de mentiras e promessas, consegue o que precisa, engana e foge. Nem espere agradecimento, nem recompensa justa.”

Os procedimentos para a lagá são os mesmos, além de ela considerar os humanos criaturas astutas:

lagá sabe que um filhote humano, mesmo pequeno, mesmo pobrezinho, é astuto, cheio de truques, com seus pentezinhos, toalhinhas e um pedaço de presunto. Dá o presunto para o gato, ele também trairá. Aquele mesmo gato ronronador, quentinho, macio, que adulava e acariciava lagá... ele também é um traidor. E os portões rangentes também trairão, se forem lubrificados com óleo. Há traição em toda parte.

Com isso, Téffi apresenta uma fala de lagá, expressando sua revolta e indignação com os jovens que vão até sua moradia: “— Devia comê-los todos. Mas são astutos, não vão se entregar. Eles chegam, se curvam à sabedoria de lagá, mentem, enganam e sempre, sempre vão embora.”

A narrativa dos fatos ocorridos, do gato em diante, é apresentada na versão adulta do conto, mas não com o nível de detalhe do texto infantil:

O gato traidor, os portões desonestos, deixaram escapar a menina astuta e franzina. lagá saiu em perseguição. Mas a menina jogou o pente no chão e uma densa floresta cresceu. lagá começou a roer as árvores, passou pelo matagal. A menina jogou a toalha e um largo rio começou a fluir pelo vale. lagá começou a beber, a beber o rio, mas a menina já estava longe, não dava para alcançar. E todos os segredos de lagá que conseguiu extrair, a infame levou consigo.

Na versão infantil, o relato é muito mais detalhado, o gato já começa contando como fazer para fugir:

— Aqui está um pente e uma toalha, pegue e fuja. Se Baba lagá começar a te perseguir, leve sua orelha para o chão e escute. Quando ouvir que ela está próxima, primeiro jogue a toalha e ela se transformará em um rio, largo e profundo. Mas se Baba lagá tentar algum truque, ela atravessará o rio e irá te alcançar, então leve sua orelha para o chão novamente e, quando ouvir que ela está próxima, jogue o pente e ele se transformará em uma densa floresta, que ela não conseguirá atravessar.

O desenrolar da história na versão infantil é muito mais detalhado, ela narra o ato de dar presunto ao gato; do encontro da menina com os cachorros, de dar pão a eles; dos portões, de lubrificá-los com óleo; da bétula, amarrar-lhe uma fita; da criada, a qual foi presenteada com um lenço; o ato de jogar a toalha no chão para se transformar num largo rio; e o pente, onde transformou-se numa densa floresta. O foco no texto infantil é a aventura da menina, contada em detalhe, para escapar da bruxa malvada. O ponto de vista narrativo e, portanto, aquilo que o leitor recebe, está colado ao enredo da jovem que busca sobreviver à ameaça mortal representada por lagá.

Já na versão adulta, narrando novamente seu descontentamento com os seres humanos, Téffi apresenta como pensamento de lagá sua satisfação/insatisfação ao longo dos meses e estações:

A primavera é o primeiro sinal inquietante. A natureza se alegra, animais e pessoas se amam, geram filhotes astutos... só desgraça. Depois vem o verão, calor. A floresta chia, fervendo no ar quente. Fez seu trabalho. Espalhou as sementes, espalhou pelo vento. Satisfeita. Floresta idiota. Velho idiota. Ama a vida, a imortalidade da terra.

E também:

Chegará o outono. Cai a primeira neve. lagá se alegra.

E então, finalmente, o inverno.

Os ventos sopram. Os netos de Stribog, esses são os seus, ferozes e zangados. A nevasca cobrirá os caminhos, a ventania girará a poeira cristalina, a tempestade começará a cantar e uivar. Chegou a hora!

Na parte a seguir, há apenas parcial semelhança com o texto infantil, onde a lagá persegue a jovem menina:

lagá se senta no balde e usa o pilão para guiar. O balde estremece pelos buracos, pula, gira, sobe, voa na tempestade de neve. Os cabelos de lagá estão espalhado sem mechas congeladas, os joelhos ósseos salientes. Horrível, poderosa, livre, voa feito uma canção da tempestade sobre a terra.

As semelhanças param antes de “[...] tempestade de neve”, pois justamente, no conto infantil, a descrição da locomoção de Baba lagá é apresentada na perseguição à jovem:

lagá se enfiou na despensa, tirou um balde de cobre de lá, pegou o pilão e uma vassoura. Enfiou-se no balde e girou o pilão, só se ouviam estalidos.

lagá salta no balde, rema com o pilão, e varre seus rastros.

Em sua versão adulta é citada uma referência às Valquírias, da mitologia nórdica, em comparação à visão obtida pelas vítimas de lagá, sendo “Tal qual os

cavaleiros veem a Valquíria, morrendo no campo de batalha, os congelados veem lagá com os olhos já fechados.”. E em seguida é contado que, após sair de seu balde (tradução essa adotada após muito debate se seria mais apropriado pilão, balde, bacia ou panela, para melhor interpretação) Baba lagá sai a procura de quem torturar:

[...] agarra uma jovem e flexível bétula, e gira, vira, dobra, quebra, e o gemido se espalha e a poeira de neve se desfaz em fumaça prateada. Ataca o espantalho de palha, que cobre os arbustos de rosa para o inverno. Abraça e dança, desenfreada, embriagada, agita-o, derruba-o. [...] lagá uiva, chora, gira, furiosa e zangada. E novamente anda pelos campos, pelos vales procurando a quem torturar.

Essa situação não é apresentada na versão infantil de Téffi. Ainda é apresentado um possível assassinato de lagá contra um homem aleatório, em que aparentemente e felizmente, Baba lagá assiste ao homem congelar até a morte, após ser interrompido de ir ao encontro de uma tal Máchenka.

E por fim após esse episódio, lagá retorna para sua cabana e deita-se no tradicional “forno”, que antigamente possuía uma estrutura externa lisa onde era possível deitar em noites de frio extremo para se aquecer, e estando extremamente entediada. Tais fatos não são apresentados na versão infantil, que termina com a jovem retornando à sua residência com seu pai e sua madrasta que logo após é expulsa de casa. Assim, ressalta-se o fato de que, na versão adulta, o ponto de vista narrativo é o da bruxa e não o da menina. Em seu conto adulto, Téffi apresenta uma visão interior de Baba lagá, totalmente original em relação à tradição folclórica, que costumeiramente tem personagens mais planos, alegóricos, sem grande complexidade psicológica.

8. Considerações Finais

Este trabalho visou em sua totalidade, apresentar traduções inéditas em português de três contos que tomam a personagem folclórica Baba lagá como figura central. O trabalho analisa diferentes perspectivas textuais sobre um mesmo

conteúdo, neste caso, a criatura folclórica Baba Iagá. Considerando as diferentes abordagens apresentadas, com Afanássiev sendo mais sucinto em sua escrita, mantendo a abordagem formal e neutra, mais voltada para o público infanto-juvenil, tentando em sua escrita manter certa imparcialidade em sua narrativa, apesar das características impostas da personagem.

Já Téffi em suas duas versões, apresenta perspectivas distintas, sendo apresentada na versão infantil detalhes narrativos bem condizentes com a narrativa de aventura para crianças, apresentando diminutivos, a presença de um narrador onisciente mostrando pensamentos de Iagá textos bem detalhados, destrinchados e explicativos, diversas retomadas de trechos da história para, justamente, elucidar ao público infantil a sua visão da bruxa, apresentando-a como uma figura má, alguém a ser temido. Já na versão adulta, tem-se uma escrita complexa do conto, muito mais elaborada e densa, sendo destinada a um público mais velho, começando o mesmo como se estivesse em uma conversa com o leitor, onde apresenta as nuances internas da personagem, suas questões psicológicas, da traição humana, a sua solidão e sua falta de confiança nas pessoas, mas ainda tendo a esperança de haver alguém que não fosse lhe passar a perna.

9. Referências Bibliográficas

Afanasiev, A. Contos Populares Russos. Tradução de D. P. Silva. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1984.

Afanasiev, A. Russian Fairy Tales. Translated by Norbert Guterman. New York. Pantheon Books, 1973.

CAROLINSKI, F. Aleksandr Nikoláevitch Afanássiev e o conto popular russo. Dissertação - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 179. 2008.

Johns, Andreas. Baba Iagá: The Ambiguous Mother and Witch of the Russian Folktale. New York: Peter Lang, 2004.

Propp, Vladimir. Morfologia do Conto Maravilhoso. Trad. Lúcia F. A. De Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

Prusakóva, H. (2020). Téffi como mulher e escritora: uma visão do exterior. Slavica, 49, 6 p.

Rybakov, Boris. A Mitologia Eslava. Trad. de Ana Lucia K. de S. Pinto. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

Téffi, N. Minha Crônica. São Petersburgo: Editora Время, 1920.

Téffi, N. No País das Lembranças. Contos e Folhetins. 1917-1919. Moscou: Время, 2002.

Tishkova, O. G. (2018). Folk Tale “Baba Jaga” by N. A. Téffi: Folkloric Origins and the AUTHOR’S Individual Element. Gramota Publishing, LLC.

Téffi, N. Other Worlds: Pilgrims, Peasants, Spirits, Saints. Translated from the Russian by Robert Chandler, Elizabeth Chandler, et al. New York: New York Review Book, 2021.

Anexos

Tradução “Baba lagá”, de Afanássiev

Era uma vez um marido que vivia com sua esposa e tiveram uma filha, mas a esposa morreu. O homem se casou novamente, e com essa nova esposa teve outra filha. A nova esposa não gostava da enteada; a órfã não tinha paz. O homem pensou, pensou, e decidiu levar sua filha para a floresta. Viajando pela floresta, ele avistou uma cabana sobre pernas de galinha. Então, o homem disse:

— Cabana, cabana! Vire-se de costas para a floresta e de frente para mim. A cabana se virou.

O homem entrou na cabana, e lá dentro estava Baba lagá: a cabeça à frente, uma perna em um canto e a outra no outro.

— Cheiro de alma russa! — diz a lagá.

O homem se inclina:

— Baba lagá, perna de osso! Eu trouxe minha filha para te servir.

— Bem, está certo! Sirva-me, sirva-me — diz a lagá à moça — e eu a recompensarei por isso.

O pai se despediu e foi para casa. A Baba lagá deu à moça uma caixa de linhas, ordenou que acendesse o forno, preparasse tudo, e foi embora. A moça estava ocupada no forno, mas chorava amargamente. Então, os ratinhos apareceram correndo e lhe disseram:

— Moça, moça, por que você chora? Dê-nos um pouco de mingau e nós lhe diremos algo bom.

Ela lhes deu um pouco de mingau.

— Então, — disseram, — em cada haste, você deve encaixar uma linha.

Chegou a Baba lagá:

— Então, — perguntou, — você preparou tudo?

E a moça tinha tudo pronto.

— Agora vá me lavar na sauna.

A lagá elogiou a moça e lhe deu um vestido elegante. Depois, a lagá foi embora e deu uma tarefa ainda mais difícil. A moça começou a chorar novamente. Os ratinhos apareceram correndo e disseram:

— O que houve, bela moça, por que você está chorando? Dê-nos um pouco de mingau e nós lhe diremos algo bom.

Ela deu um pouco de mingau para os ratinhos, e eles novamente lhe ensinaram o que fazer e como fazer. A Baba lagá, ao voltar, elogiou a moça novamente e lhe deu ainda mais vestidos elegantes ... A madrasta mandou o marido verificar se a filha dele ainda estava viva.

O homem foi, chegou lá e viu que a filha tinha se tornado muito, muito rica. Como lagá não estava em casa, ele levou a filha com ele. Quando se aproximaram da aldeia, o cachorro da casa começou a latir sem parar:

— Au, au, au! Estão trazendo a senhorita, estão trazendo a senhorita!

A madrasta correu para fora e bateu no cachorro com um rolo de massa.

— Mentira — ela disse, — diga que os ossinhos estão sacudindo no cesto.

O cachorro continuou latindo. Chegaram. A madrasta expulsou o marido e mandou levar a filha embora. O marido a levou embora.

A Baba lagá deu a ela algumas tarefas e foi embora. A moça, tomada pela raiva, começou a chorar. Os ratinhos apareceram correndo.

— Moça, moça! Por que você está chorando? — perguntaram.

Mas ela não deixou que terminassem de falar, batendo neles com o rolo de massa, em um e em outro; se ocupou com isso e não fez o que devia. A lagá voltou, ficou furiosa. Da próxima vez, aconteceu o mesmo; a lagá a quebrou e colocou os ossinhos no cesto. Então a mãe mandou o marido buscar a filha. O pai chegou e levou apenas os ossinhos. Quando se aproximava da aldeia, o cachorrinho começou a latir novamente na varanda:

— Au au, au! Os ossinhos estão sacudindo no cesto!

A madrasta correu com o rolo de massa:

— Mentira! — disse ela — diga que estão trazendo a senhorita!

Mas o cachorrinho continuava:

— Au, au, au! Os ossinhos estão sacudindo no cesto!

O marido chegou; então, a esposa começou a gritar! Aqui a história chega ao fim, agora uma jarra de manteiga para mim.

Era uma vez um velhinho e uma velhinha. O velhinho ficou viúvo e casou-se com outra mulher, mas ele tinha uma filha com a primeira esposa. A má-drasta não a amava, batia nela e pensava em como se livrar dela de vez. Um dia, quando o pai foi viajar, a má-drasta disse à menina:

— Vá até sua tia, minha irmã, e peça a ela uma agulha e um pouco de linha, para costurar uma camisa para você.

Essa tia era a Baba lagá, perna de osso.

A menina, que não era boba, foi antes à casa de sua própria tia.

— Olá, titia!

— Olá, querida! O que você está fazendo aqui?

— A má-drasta me mandou até sua irmã para pedir uma agulha e um pouco de linha para costurar uma camisa para mim.

E a tia lhe ensinou:

— Se uma bétula te atingir nos olhos, minha sobrinha, prenda-a com uma fita. Se os portões rangerem e baterem, coloque óleo neles. Se os cães te atacarem, dê a eles um pedaço de pão. Se um gato te arranhar, é só lhe dar um pouco de presunto.

E a menina foi; ela andou, andou, andou, e finalmente chegou.

Havia uma cabana, e dentro estava a Baba lagá, a perna de ossos, tecendo.

— Olá, tia!

— Olá, querida!

— Minha má-drasta me mandou pedir linha e agulha, para que ela costurasse uma camisa para mim.

— Está bem, sente-se e teça enquanto isso.

A menina sentou-se com o tear, enquanto Baba lagá saiu e disse à sua criada:

— Vá, esquite bem o banho, lave minha sobrinha, e faça direitinho pois quero comê-la para o café da manhã.

A menina fica aterrorizada, nem viva nem morta. E pediu à criada:

— Minha querida, queime menos lenha do que derrame água, e a água, querida, coloque com uma peneira.

E a menina deu seu lenço à criada.

E Baba lagá ficou esperando, ela foi até a janela e perguntou:

— Você está tecendo, sobrinha? Você está tecendo, querida?

— Estou tecendo, tia, estou tecendo, querida.

Baba lagá se afastou, e a menina deu ao gato um pedaço de presunto e perguntou:

— É possível sair de alguma forma?

— Aqui está um pente e uma toalha — disse o gato. — Pegue-os e fuja; a Baba lagá vai te perseguir. Quando você ouvir que ela está perto, jogue primeiro a toalha, ela se tornará um rio largo e profundo. Se a Baba lagá atravessar o rio e continuar a te perseguir, leve o ouvido para o chão e, quando ouvir que ela está perto, jogue o pente, ele se tornará uma floresta densa que ela não conseguirá atravessar!

A menina pegou a toalha e o pente e começou a correr. Os cachorros queriam atacá-la, mas ela lhes jogou um pouco de pão, e eles a deixaram passar; os portões queriam se fechar, mas ela colocou um pouco de óleo nas dobradiças, e eles a deixaram passar; a árvore de bétula queria atingir-lhe os olhos, mas ela a amarrou com uma fita, e ela a deixou passar. Enquanto isso, o gato se sentou ao tear e teceu, não exatamente tecendo, mas embolando. A Baba lagá se aproximou da janela e perguntou:

— Você está tecendo, sobrinha? Você está tecendo, querida?

— Estou tecendo, tia, estou tecendo, minha querida! — respondeu grosseiramente o gato.

A Baba lagá entrou na cabana, viu que a menina tinha ido embora e começou a bater no gato e a reclamar por não ele ter arrancado os olhos da menina.

— Quanto tempo eu te sirvo — diz o gato — e você nunca me deu nem mísero ossinho, já ela me deu presunto.

A Baba lagá atacou os cachorros, os portões, a bétula e a criada, começando a praguejar e bater em todos. Os cachorros disseram a ela:

— Quanto tempo servimos a você, e você nunca nos deu nem uma migalha queimada, já ela nos deu pão.

Os portões disseram:

— Quanto tempo servimos a você, e você nunca nos colocou um pouco de água nas dobradiças, mas ela colocou óleo.

A bétula disse:

— Quanto tempo sirvo a você, e você nunca me amarrou nem com um fiapo, mas ela me amarrou com uma fita.

A criada disse:

— Quanto tempo servi a você, e você nunca me deu nem um trapo velho, já ela me deu um lenço.

A Baba lagá, a perna de ossos, sentou-se rapidamente em um balde remando com um pilão e varrendo seus rastros com uma vassoura, em perseguição à menina. A menina inclinou o ouvido para o chão e ouviu que a Baba lagá estava perseguindo-a, e já estava perto. Então, ela jogou a toalha, e ela virou um rio largo e profundo! A Baba lagá chegou ao rio e, furiosa, rangeu os dentes. Voltou para casa, pegou seus touros e os levou ao rio; os touros beberam toda a água do rio. A Baba lagá recomeçou a perseguição. A menina inclinou o ouvido para o chão e ouviu que a Baba lagá estava perto, então jogou o pente, e este se tornou uma floresta densa e assustadora! A Baba lagá ficou morrendo de raiva, mas nem tentou atravessar a floresta, e teve que voltar.

E o velhinho já havia chegado em casa e perguntou:

— Onde está minha filha?

— Ela foi até a tia — disse a madrasta.

Depois de um tempo, a menina voltou para casa.

— Onde você estava? — pergunta o pai.

— Ah, papai! — diz ela. — A má-drasta me mandou ir até a tia pedir uma agulha e linha para costurar uma camisa para mim, e a tia, a Baba lagá, queria me comer.

— E como você conseguiu escapar, filha?

Então a menina contou tudo. Quando o velhinho soube de tudo isso, ficou furioso com a esposa e matou-a com um tiro; e ele mesmo passou a viver com a filha, prosperando. E lá estava eu, bebendo cerveja e hidromel, que pelos meus bigodes escorria, mas na minha boca não caía.

Tradução "Baba lagá", de Nadiêjda Téffi (versão infantil)

Traduzido a partir de: Nadiejdá Téffi, *Baba lagá*, **YMCA Press, Paris, 1923**.

Era uma vez um velhinho e uma velhinha. E eles tinham uma filha, uma boa menina.

O velhinho e a velhinha amavam sua menina, mimavam e cuidavam. A velhinha assava bolinhos para a menina, e velhinho acariciava sua cabeça, dizendo:

— Cresça, cresça, menina espertinha, sempre mais gentil e sempre mais astuta.

Então eles viveram, até que a velhinha morreu, o velhinho ficou triste, triste e arranhou outra esposa para si, e ela se tornou má-drasta da menina.

A má-drasta não amava sua enteada, a boa menina, dia após dia a tratava muito mal, enchia-lhe de tabefes. Depois até pensou em dar cabo dela.

Certa vez, quando o velhinho saiu de casa, a má-drasta disse à menina:

— Vá lá na minha irmã, sua tia, e peça a ela uma agulha e linha para costurar uma camisa para você.

E essa tia, a irmã da má-drasta, era a própria Baba lagá, perna de osso.

A menina não era boba, então ela foi primeiro à sua própria tia:

— Olá, — ela disse, — titia!

— Olá, queridinha! Que bons ventos a trazem?

— É o seguinte: minha má-drasta me pediu para ir até a irmã dela para buscar agulha e linha, ela quer costurar uma camisa para mim.

A tia a ouviu com atenção e explicou:

— Se uma bétula te atingir nos olhos, minha sobrinha, prenda-a com uma fita. Se os portões rangerem e baterem, coloque óleo neles. Se os cães te atacarem, dê a eles um pedaço de pão. Se um gato te arranhar, é só lhe dar um pouco de presunto.

Se fizer o que eu te digo, e não esquecer, nem confundir... você estará segura. Vá com Deus.

A menina agradeceu a sua titia, pegou as fitas, o frasco de óleo, e o pedaço de pão, se preparou/ajeitou e partiu.

E ela andou, andou, andou, e finalmente chegou.

À beira da clareira na floresta, havia uma cabana sem janelas, e sem portas.

A menina pensou, pensou, e então disse:

— Cabana - cabana! Vire suas costas para a floresta, e fique de frente para mim!

E a cabana se virou.

E então a menina a vê, Baba lagá... em carne e osso, sentada, tecendo, e ela estava mal-humorada..... muito mal-humorada.

A menina saudou a lagá.

— Olá, — ela disse, — tia.

E lagá responde grunhindo:

— Olá, querida!

— Minha má-drasta me mandou pedir linha e agulha, para que ela costurasse uma camisa para mim.

— Está bem — diz Baba lagá. — Sente-se enquanto borda.

A menina sentou-se com o bastidor, enquanto Baba lagá saiu e disse à sua criada:

— Vá, esquite bem o banho, lave minha sobrinha e veja se todos os ossos estão bem cozidos para mim, pois hoje vou cozinhá-la para o almoço.

A voz da Baba lagá é alta, ela uiva como o vento em uma chaminé. A menina ouve as palavras de lagá, senta-se, tremendo, nem viva nem morta. E pede à criada baixinho:

— Minha querida, queime menos lenha do que derrame água, e a água, querida, carregue com uma peneira.

E a menina deu seu lenço à criada.

E Baba lagá ficou aguardando. Ela mal podia esperar, ela queria comer a menina o mais rápido possível.

Então ela se aproximou da janela e perguntou:

— Você está bordando, sobrinha? Você está bordando, querida?

— Estou bordando, tia, estou bordando, querida.

— Borda, borda, mas não se distraia.

Baba lagá se afastou da janela. A menina olhou ao redor e viu um gato passeando pela sala. Todo preto, olhos amarelos, rabo como uma chaminé, caminha, se esgueira, mexendo os bigodes, arranhando as tábuas com as garras.

A menina lembrou do conselho de sua titia, deu ao gato um pedaço de presunto e perguntou:

— Gatinho, gatinho do meu coração, me ensina como posso sair dessa situação?

E o gato falou com ela com a voz humana:

— Aqui está um pente e uma toalha, pegue e fuja. Se Baba lagá começar a te perseguir, leve sua orelha para o chão e escute. Quando ouvir que ela está próxima, primeiro jogue a toalha e ela se transformará em um rio, largo e profundo. Mas se Baba lagá tentar algum truque, ela atravessará o rio e irá te alcançar, então leve sua orelha para o chão novamente e, quando ouvir que ela está próxima, jogue o pente e ele se transformará em uma densa floresta, que ela não conseguirá atravessar.

A menina ouviu o gato, pegou o pente e a toalha e saiu correndo.

Assim que ela saiu da cabana, de repente, sabe-se lá de onde, cães ferozes, malvados-malvados, se lançaram sobre ela, rosnando e querendo deixá-la em pedaços.

A menina ficou assustada, mas lembrou-se do aviso de sua titia e disse:

— Cachorrinhos, cachorrinhos, não latam, não me assustem, não me toquem. Aqui está um pedaço de pão para vocês.

A menina jogou o pão para eles, e eles a deixaram passar.

Ela continuou correndo, chegou aos portões, mas os portões rangeram e se fecharam, sem deixá-la passar.

A menina lembrou-se das instruções da titia, e derramou óleo nas dobradiças dos portões.

— Portões, portões, não ranjam, não chamem a lagá, abram e me deixem passar.

Os portões ficaram felizes com o óleo e deixaram a menina passar.

A menina continuou correndo e, de repente, sabe-se lá de onde, apareceu uma bétula na estrada, agitando seus galhos, querendo arrancar os olhos da menina.

A menina ficou assustada, mas lembrou-se do que sua titia disse e amarrou uma fita na bétula.

— Bétulazinha, bétulazinha, me deixe passar.

A bétula, então, a deixou passar.

E o gato se sentou com o bastidor e bordou. Não bordou tanto, mas sim, fez uma confusão.

Baba lagá se aproximou da janela e perguntou:

— Você está bordando, sobrinha? Você está bordando, querida?

— Estou bordando, tia, estou bordando, malvada!

O gato tem uma voz grossa. Baba lagá ficou surpresa com a repentina mudança de tom da menina, correu para a cabana e viu que a menina tinha desaparecido sem deixar vestígios.

Baba lagá ficou furiosa e ofendida com o gato, pois tinha afiado os dentes o dia inteiro em vão, planejando comer a menina. Então, ela começou a espancar o gato. Ela o espancou, bateu, surrou, xingou e sentenciou:

— Como você teve coragem, seu gato ladrãozinho, de deixar a menina sair de casa e não arranhar seus olhos com suas garras.

O gato enxugou as lágrimas e falou para Baba lagá com uma voz humana:

— Eu tenho servido a você, Baba lagá, por tantos anos, e você nunca me deu um osso roído, já ela me deu presunto.

Baba lagá partiu correndo atrás dos cães. Ela os espancou e bateu, transformando todo o pelo deles em um emaranhado.

— Vocês, cachorros desgraçados, traidores, infiéis! Como tiveram coragem de deixar a menina passar, sem deixá-la em pedaços?

Os cachorros ficaram ofendidos e falaram com vozes humanas:

— Nós temos servido a você, Baba lagá, por tantos anos, e você nunca nos deu nem uma migalha queimada, mas ela nos deu pão.

Baba lagá parou de bater nos cachorros. Ela então correu para os portões para repreendê-los.

— Vocês, malditos, como tiveram coragem de não ranger e não me chamar para deixar a menina passar! Pegarei um machado e os partirei em lenha, os reduzirei a estilhaços.

E os portões responderam com vozes humanas:

— Nós temos servido a você por tantos anos, e você nunca derramou um pouco de óleo nas dobradiças, mas ela derramou.

lagá correu em direção à bétula.

— Você, arvorezinha insolente, vou te despir até os galhos! Como teve coragem de deixar a menina passar sem ela se machucar em seus galhos?

E a bétula respondeu com uma voz humana:

— Eu tenho servido a você por tantos anos, e você nunca me envolveu com um fiapo, mas ela me amarrou uma fita.

lagá deixou a bétula em paz e correu atrás da criada.

— Você, minha serva preguiçosa, inútil, como teve coragem de deixar a menina escapar e me deixar sem almoço?

Ela bateu na criada com os punhos, rangendo os dentes contra ela, chutando-a nas costas com o pé de osso.

E a criada respondeu:

— Eu te sirvo, lagá, há tantos anos, e você nunca me alegrou com um pedaço de pano velho, mas ela me deu um lenço de presente.

lagá estava prestes a matar a criada, mas não teve tempo, estava com pressa para alcançar a menina.

lagá se enfiou na despensa, tirou um balde de cobre de lá, pegou o pilão e uma vassoura. Enfiou-se no balde e girou o pilão, só se ouviam estalidos.

lagá salta no balde, rema com o pilão, e varre seus rastros.

A garota percebeu que a terra estava tremendo, inclinou o ouvido e ouviu - lagá estava quase a alcançando, estava muito perto.

Ela lembrou do que o gato a ensinou, e jogou a toalha.

A toalha caiu na grama e se espalhou como um rio largo - em três dias não seria possível atravessá-lo.

Baba lagá galopou até o rio, e olhou... E agora? Não dá para se meter na água em um balde de cobre.

Ela rangia os dentes, batia com o pilão e voltou rolando. Rolou de volta para casa, reuniu seus touros, os levou até o rio e ordenou que bebessem água.

Os touros beberam, beberam, e esgotaram todo o rio.

Baba lagá entrou novamente em sua tigela e começou a rolar pelo chão seco. Estrondava, zumbia, batia com o pilão e varria.

A garota sentiu que a terra tremia. Ela inclinou o ouvido e ouviu... lagá estava perseguindo-a, estava muito perto agora.

A garota lembrou do que o gato ensinou, pegou o pente e jogou-o na estrada.

E imediatamente, sabe-se lá de onde, surgiu da terra uma espessa floresta, imensa e densa, tão densa que nem humano, nem mesmo um esquilo conseguiria atravessá-la.

E a velha lagá não sabe de nada, ela continua rolando em seu balde, remando com o pilão, apressando-se para alcançar a garota.

— Não tem problema — ela diz, — Não consegui almoçar, então vou jantar mais reforçado.

Ela bate, faz um barulho, e sobem colunas de poeira.

Baba lagá andou em direção à floresta e não tinha jeito. Ela não conseguia atravessar a floresta.

Baba lagá jogou sua panela, correu para a floresta e começou a roer as árvores com os dentes. Ela roía, roía, mas não conseguiu derrubar nem mesmo dez carvalhos. Apenas desgastou seus dentes em vão .

E lagá retornou.

E enquanto isso, o velhinho voltou para casa e perguntou:

— Onde está minha filha?

A má-drasta respondeu:

— Ela foi visitar sua tia.

O velhinho não acreditou.

E então ele viu a menina correndo de volta para casa, com uma expressão sem vida no rosto.

— Onde você estava, minha querida?

— Oh, pai — ela diz, — é o seguinte, a má-drasta me mandou buscar agulha e linha com a tia, para costurar uma camisa para mim, mas a tia, Baba lagá com a perna de osso, queria me comer.

— Mas como você escapou dela, minha filha?

— Foi o seguinte...

E ela contou ao pai tudo em ordem, como sua titia a ensinou, como o gato teve pena dela, dando-lhe o pente e a toalha, como a criada se recusou a aquecer o banho. E sobre o portão e os cães e sobre a bétula, ela contou tudo.

Quando o velhinho ouviu que sua esposa malvada planejava usar sua filha para alimentar a Baba lagá, ele ficou furioso, pegou um bastão e expulsou a má-drasta de casa.

E ele começou, com sua filha, a vida viver e o bem fazer.

E lá estava eu, bebendo cerveja e hidromel, que pelos meus bigodes escorria, mas na minha boca não caía.

Tradução de “Baba lagá”, de Nadiêjda Téffi (versão adulta)

Publicado originalmente em *Новоселье*, n. 33/34, 1947, pp. 29--37.

Baba-lagá

Os contos de fada falam: “Baba-lagá, com perna de osso, no seu balde viaja, com um pilão empurra e com uma vassoura os rastros apaga.”

O professor de literatura dizia: “Baba-lagá é uma deusa das tempestades e das nevascas.”

Nos livros infantis, Baba-lagá é retratada como uma velha magra e de aspecto selvagem, com olhos verdes e maus, com um dente canino saliente, cabelo grisalho e desgrenhado. Ela é assustadora, esquelética — uh-uh-uh — e come crianças.

A palavra “deusa” evocava a ideia de beleza, como Vênus e Diana. Víamos suas estátuas, eram exemplos de perfeição. Ouvíamos a expressão “linda como uma deusa”. E então, de repente essa bruxa cruel, uma velha feia e maléfica era nossa deusa. Era algo absurdo e engraçado.

Na verdade, qual dos nossos deuses antigos era bonito? Lel¹, o deus da primavera. Mas ele é tão impopular que não se manteve na memória do povo.

O que permaneceu, mas adquirindo um significado pejorativo, foram o Domovói,² Silvano e Baba lagá.

Domovói era uma criatura severa, embora protegesse a vida doméstica, parecia um velho senhor feudal, que fazia barulho, tumultuava, perturbava os cavaleiros no estábulo, atormentava os cavalos, e beliscava meninas até deixar marcas roxas. Era justo, mas aterrorizante e opressor. Se quisesse, amava, se não quisesse, destruía a pessoa.

¹ Lel é uma entidade, que segue de acordo com ideais de “mitos científicos” da história polonesa e russa, originário do início do período moderno, sendo definido como a divindade eslava do amor e/ou casamento, assim como da primavera. Sendo, a sua imagem, não muito incomum na literatura e na arte dos séculos XVI-XIX, assim como de períodos subsequentes. Havendo, desde o século XIX, grande confusão de seu nome com o da deusa Lada.

² Na mitologia eslava é o espírito de uma casa. Ele é imaginado como um homem, muitas vezes parecendo o dono de uma casa, ou um velhinho cujo rosto está coberto de cabelos brancos.

O Silvano³ é até assustador mencioná-lo. Uivava na floresta, aterrorizava, conduzia para a mata densa, confundia, não havia um único ato de bondade associado a ele. Era muito maligno. Seu objetivo era apenas assustar, desorientar, destruir o ser humano e cobrir suas pegadas com ervas daninhas.

Somente a Rusalka⁴ (ninfas d'água/sereia) era bonita. Mas apenas ela era vista pelas pessoas, pois atraía para a morte com sua beleza e ternura. Ela roubava a alma por piedade. Sentava-se em uma árvore, era uma mulher pequena.... na verdade, ela não era bem uma mulher, porque tinha uma cauda de peixe na metade inferior do corpo. Por isso, ela se sentava debaixo da água e escondia a cauda entre as algas. Sentava-se lá.... pequena, delicada, tímida e chorava amargamente. Se apenas ficasse sentada ou acenasse, poucos se aproximariam. Mas se chorasse, como não se aproximar? Dá pena. A pena atrai. Essa deusa era muito perigosa.

Mas Baba lagá, a mais feroz delas, era também a mais interessante. E a mais russa. Outros povos não tinham deusas assim.

Baba lagá vivia na borda da floresta, em uma cabana sobre pernas de galinha, sem janelas, sem portas. A porta, como sempre se descobria depois, ainda existia, mas estava voltada para a floresta, então o astuto "bom jovem", que havia aprendido o feitiço de algum lugar, dizia: "Cabana, cabana, vire-se de costas para a floresta, e de frente para mim." E a cabana se virava.

Baba lagá vivia sozinha. Só vivia com um gato. Até Baba lagá não podia suportar a completa solidão. Mantinha o gato por seu ronronar, por seu pelo macio, pelo calor e conforto felino. lagá odiava as pessoas e nunca as procurava. Elas mesmas vinham até ela para tentar arrancar vários segredos sábios e sempre enganavam lagá. Em cada aproximação humana, ela se sentia enganada e ressentida.

"Cheira a espírito russo" — já espere problemas.

³ É um espírito florestal da mitologia eslava, que protege os animais selvagens e as florestas. Ele é aproximadamente o análogo do homem selvagem da Europa ocidental e os Basajaun do País Basco. Geralmente aparece como um homem alto, mas ele é capaz de mudar o seu tamanho, desde uma lâmina de erva para uma árvore muito alta. Ele tem cabelos e barba feita a partir da grama vivente e das vinhas, e às vezes é representado com uma cauda, cascos e chifres. Ele tem a pele branca e pálida, que contrasta com os seus brilhantes olhos verdes.

⁴ É uma ninfa da água na mitologia Eslava porém, para os russos, ucranianos e bielo-russos ela é muitas vezes tratada como uma sereia. O nome era usado por tribos pagãs eslavas, e o seu nome era ligado à fertilidade. Ela vem da água na primavera para a trazer aos campos e ajudar as plantações a crescer.

Chega um bom jovem, solta um monte de mentiras e promessas, consegue o que precisa, engana e foge. Nem espere agradecimento, nem recompensa justa.

E toda vez que ouvia o feitiço e a cabana se virava sobre suas pernas de galinha, lagá esperava um infortúnio inevitável. E toda vez ela acreditava, feito uma tola, na alma humana:

— Não pode ser que tudo seja assim.

Aqui vem uma pobre menina órfã. A madrasta a expulsou, mandou-a para a morte certa. lagá sabe que um filhote humano, mesmo pequeno, mesmo pobrezinho, é astuto, cheio de truques, com seus pentezinhos, toalhinhas e um pedaço de presunto. Dá o presunto para o gato, ele também trairá. Aquele mesmo gato ronronador, quentinho, macio, que adulava e acariciava lagá... ele também é um traidor. E os portões rangentes também trairão, se forem lubrificados com óleo. Há traição em toda parte.

Como era entediante para lagá!

Ela fica lá, zangada, afiando os dentes.

— Devia comê-los todos. Mas são astutos, não vão se entregar. Eles chegam, se curvam à sabedoria de lagá, mentem, enganam e sempre, sempre vão embora.

O gato traidor, os portões desonestos, deixaram escapar a menina astuta e franzina. lagá saiu em perseguição. Mas a menina jogou o pente no chão e uma densa floresta cresceu. lagá começou a roer as árvores, passou pelo matagal. A menina jogou a toalha e um largo rio começou a fluir pelo vale. lagá começou a beber, a beber o rio, mas a menina já estava longe, não dava para alcançar. E todos os segredos de lagá que conseguiu extrair, a infame levou consigo.

Então lagá está em sua cabana sobre pernas de galinha. Está voltada para a floresta. Que té-é-é-é-édio. Que venha logo o inverno.

A primavera é o primeiro sinal inquietante. A natureza se alegra, animais e pessoas se amam, geram filhotes astutos... só desgraça. Depois vem o verão, calor. A floresta chia, fervendo no ar quente. Fez seu trabalho. Espalhou as sementes, espalhou pelo vento. Satisfeita. Floresta idiota. Velho idiota. Ama a vida, a imortalidade da terra.

Chegará o outono. Cai a primeira neve. lagá se alegra.

E então, finalmente, o inverno.

Os ventos sopram. Os netos de Stribog⁵, esses são os seus, ferozes e zangados. A nevasca cobrirá os caminhos, a ventania girará a poeira cristalina, a tempestade começará a cantar e uivar. Chegou a hora!

lagá se senta no balde e usa o pilão para guiar. O balde estremece pelos buracos, pula, gira, sobe, voa na tempestade de neve. Os cabelos de lagá estão espalhados em mechas congeladas, os joelhos ósseos salientes. Horrível, poderosa, livre, voa feito uma canção da tempestade sobre a terra.

Quem a viu? Tal qual os cavaleiros veem a Valquíria, morrendo no campo de batalha, os congelados vêem lagá com os olhos já fechados.

lagá sai do balde, começa a cantar e dançar, agarra uma jovem e flexível bétula, e gira, vira, dobra, quebra, e o gemido se espalha e a poeira de neve se desfaz em fumaça prateada. Ataca o espantalho de palha, que cobre os arbustos de rosa para o inverno. Abraça e dança, desenfreada, embriagada, agita-o, derruba-o.

— Me deixe — implora o espantalho, — não me torture! Eu não quero você! Tenho uma rosa no peito.

lagá uiva, chora, gira, furiosa e zangada. E novamente anda pelos campos, pelos vales procurando a quem torturar.

Aqui vem um viajante. Desceu do trenó, está procurando o caminho. Ahá! Girou-o, derrubou-o na neve, cobriu seus olhos com neve.

Para onde ele ia? Para uma tal de Máchenka, querida, calorosa, alegre. O que ela é para ele? Agora ele está branco como a neve, cílios e sobrancelhas grisalhos, os cachos brancos congelados saindo do chapéu. Como é maravilhoso, como é livre o canto da tempestade! Encantador... Máchenka? O que ela é? Um pedaço de pano colorido na cerca. Será possível lembrar dela? Olhos verdes e cristalinos olham para sua alma; é tão assustador e alegre; e a alma canta e ri. E nunca, nunca na vida ela conheceu tal êxtase.

Baba lagá! Velha, terrível! Canibal maldita! Ah, como você é maravilhosa, cantarolante, de olhos cristalinos! D-E-U-S-A. Leve-me para sua morte, é melhor do que a vida.

A tempestade se acalma. Está escuro, quente na cabana sobre pernas de galinha. No canto está a vassoura, piscando para o balde. O gato infiel ronrona sonolento, arqueia as costas, finge.

⁵ É uma divindade do antigo panteão russo com funções não estabelecidas, sendo atualmente considerado o deus do vento ou do ar.

No forno⁶ está Baba lagá. Dos cabelos gelados goteja água no chão. A perna óssea escapa para fora dos trapos.

Que té-é-é-é-édio.

Nadiéjda Téffi

⁶ Construção de alvenaria utilizada como fogão/forno, onde também era utilizado para dormir em tempos de extremo frio, mais comumente encontrado em casas de camponeses.